

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE HISTÓRIA

IAGO MESSIAS DEOLINO

**DE REMÉDIO A VENENO:**

Os discursos sobre a cocaína na Gazeta de Notícias e suas possibilidades no ensino de  
História (1885-1910)

UBERLÂNDIA – MG

2025

IAGO MESSIAS DEOLINO

**DE REMÉDIO A VENENO:**

Os discursos sobre a cocaína na Gazeta de Notícias e suas possibilidades no ensino de  
História (1885-1910)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de História da Universidade Federal  
de Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Daniela Magalhães da  
Silveira.

UBERLÂNDIA – MG

2025

IAGO MESSIAS DEOLINO

**De remédio a Veneno: Os discursos sobre a cocaína na Gazeta de Notícias e suas possibilidades no ensino de História (1885-1910)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de História da Universidade Federal  
de Uberlândia como requisito parcial para  
obtenção do título de licenciado em História.

Banca de Avaliação:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Magalhães da Silveira

---

Prof. Dr. Marcelo Lapuente Mahl

---

Me.<sup>a</sup> Maria Fernanda Ribeiro Cunha

## RESUMO

Este artigo procura investigar as alterações discursivas pelos quais passam os textos que citam a cocaína entre o fim do século XIX e o início do século XX – em específico partindo do ano de 1885, quando começam a surgir textos e anúncios que tratam da substância; até 1910, quando um discurso iminentemente negativo se estabelece a seu respeito. As fontes utilizadas são anúncios, notícias e contos da *Gazeta de Notícias*, um importante jornal periódico do Rio de Janeiro, com ampla divulgação e difusão social. Se em um primeiro momento a cocaína era anunciada como medicamento, e celebrada como uma substância revolucionária nos artigos do periódico, sua apresentação se altera profundamente. Em um intervalo relativamente curto, menos de trinta anos, ela passa a figurar como um problema social contra o qual começa a bradar o jornal. Ao final do artigo, são conduzidas uma discussão sobre o uso da imprensa como fonte para o desenvolvimento do conhecimento histórico na educação básica e uma análise da BNCC a respeito da possibilidade de utilização do tema das drogas em sala de aula, em conformidade com a normativa. A partir destas duas discussões, é proposto um plano de ensino que elabora o conceito de proibicionismo, bem como o seu papel na construção de políticas públicas a respeito de drogas no Brasil, enquanto propõe reflexões sobre a participação da imprensa nesse processo, e sobre a própria escrita de textos jornalísticos, a partir da análise de duas notícias de jornais publicadas em momentos históricos distintos.

Palavras-chave: Cocaína – Periódicos – Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

Os objetivos deste artigo são compreender como se construiu a noção de degenerescência, ou mesmo de periculosidade, ligada à droga na *Gazeta de Notícias*, antes mesmo de ser vinculada à ideia de criminalidade, sobre a qual ela pairaria anos mais tarde. Investigar as mudanças discursivas pelas quais a cocaína passou no periódico, e nesse sentido contribuir para a discussão geral a respeito do tema. Também apontar algumas possibilidades de ensino do tema com base na análise da BNCC (Brasil, 2018), e por fim apresentar um plano de ensino que contemple o tema principal deste artigo, mas que também proponha uma análise de fontes da imprensa.

A redação foi dividida em três partes. A primeira trata de uma discussão bibliográfica, que dialoga com outros trabalhos que discutem as drogas em geral, mais alguns que tratam da cocaína em específico, a partir dos principais pontos de debate sobre o tema. Em seguida, este artigo procura investigar como se desenvolveu o discurso a respeito da cocaína, no jornal *Gazeta de Notícias*, entre os anos de 1885 e 1910. Por fim, comenta sobre possibilidades pedagógicas, bem como apresenta um plano de ensino a respeito desse tema de maneira geral, usando a imprensa como fonte histórica em sala de aula.

A respeito da investigação das fontes, o recorte temporal se refere respectivamente ao surgimento de um fluxo consistente de publicações a respeito da cocaína, na forma de anúncios e notícias, em parte considerável dos periódicos – tanto voltados ao público médico, quanto de circulação geral<sup>1</sup> – após a descoberta de seu uso anestésico; e a consolidação de textos abertamente negativos a respeito da cocaína. Já a escolha pela *Gazeta de Notícias* se deve, em primeiro lugar, por ser um jornal no qual a concentração de propagandas de produtos à base de cocaína é volumosa logo no início do período analisado, em conjunto com a grande incidência de menções à cocaína durante todo o período. Mas também por ser um jornal de grande circulação não voltado especificamente para o público médico no período estudado.

## 2 DISCUSSÃO BIBLIOGRÁFICA

As drogas (ou substâncias psicoativas) constituem um objeto de estudo privilegiado para compreender alguns aspectos importantes da sociedade brasileira, em específico, e

---

<sup>1</sup> A respeito dos primeiros, pode-se destacar o *Brazil-Medico: revista semanal de medicina e cirurgia* e o *União Médica*. Já a respeito dos segundos *O Paiz* e a *Gazeta de notícias* se inserem nesse movimento comentado.

mundial, em geral. Nesse sentido, várias áreas do conhecimento têm se debruçado sobre este tema com vista em desvelá-los, a partir de moldes e abordagens mais distintos. No entanto, esta discussão diz respeito a trabalhos que se propõem históricos, mesmo que não sejam oriundos dessa área.

Um grande número de trabalhos aborda o consumo dessas substâncias em sociedades pré-modernas, seja para ressaltar sua diferença com tempos posteriores ou para investigar o funcionamento dessas sociedades. Nesse sentido, Maria Betânia Albuquerque (2014) investiga, a partir de relatos (cronistas e viajantes) e cartas (padres) dos séculos XVI e XVII, as controvérsias e ambiguidades que envolvem as ervas, as bebidas e os alimentos nativos na América portuguesa, analisados sob o prisma da História Cultural.

Para Albuquerque, além do seu valor nutritivo, a alimentação também apresenta um valor cultural, no sentido de revelar aspectos fundamentais da estruturação social e uma parte integrante de sua identidade. Várias das substâncias que viriam a ser consideradas drogas possuíam aqui uma função circunscrita à alimentação que não era ao todo separada da religião, e desempenhavam um importante papel na sociedade brasileira colonial. (Albuquerque, 2014)

Não existiam delimitações precisas entre a religião e a alimentação, de maneira que algumas substâncias alimentares eram deificadas enquanto outras demonizadas, e não raras vezes existiam ambiguidades em relação a um mesmo elemento. O vinho e o tabaco se inscrevem nesse jogo da mesma maneira que o maracujá e a mandioca. Vale aqui chamar a atenção para o fato de que a distinção própria do que viria a ser considerado uma droga e um alimento não existia nesse espaço-tempo, sendo todos integrantes de uma ampla categoria não bem dissociada entre suas qualidades místicas e nutritivas e que por sua vez também era atravessada por relações de poder.

Outra autora que menciona a relação entre alimentos, drogas e religião é Maria de Lourdes da Silva (2009. p.35). Albuquerque e Silva estão de acordo no entendimento de que as drogas, antes mesmo de receberem este nome, foram importantes para o estabelecimento de costumes, religiosos ou não, e hábitos tanto quanto os demais alimentos ou bebidas. Mas para Silva (2009), o aspecto que se faz mais importante dessa relação é como as diversas formas de prescrição dessas substâncias se fazem a partir de uma imposição de usos socialmente aceitos, mesmo bem antes da modernidade. O que significa que tentativas de delimitação dos usos são relacionadas à sua própria existência social, e nasceram antes mesmo da ascensão dos discursos médicos.

Ao abordar as drogas nas sociedades pré-modernas em tese intitulada *A história das drogas e sua proibição no Brasil – da colônia à república*, Carlos Eduardo Martins Torcato (2016, p.24-26) argumenta que a busca pela alteração do estado de consciência através de substâncias psicotrópicas, em algum nível, pode ser considerada uma constante universal. No entanto, seus usos são completamente diversos, e só podem ser devidamente compreendidos no interior dos seus respectivos contextos sociais. Outro aspecto importante, para o autor, desse período é o caráter regional do consumo de substâncias, marcado pela grande diversidade de substâncias e de formas/contextos de uso.

O que se percebe disso é que as práticas observadas em lugares específicos não podem ser transpostas para diferentes localidades sem prejuízo de sua coesão interna e sentidos que lhe são próprios, sobretudo em períodos anteriores ao advento da modernidade. O que, como veremos à frente, será alterado.

Outro grande ponto de inserção ao assunto das drogas, sobre o qual aglutinam-se vários autores a partir de propostas distintas é a revolução psicoativa. Esse é o momento da mundialização do consumo de drogas que antes encontravam-se restritas a locais específicos. Torcato (2013) procura responder às questões: como o Brasil foi influenciado pela revolução psicoativa? E como se delimitaram as primeiras políticas para controlar e conter o consumo dessas substâncias?

Para tanto, se faz necessário compreender esse fenômeno mais geral, que para o autor está ligado ao comércio transoceânico impulsionado pelo insípiente capitalismo europeu, que passou a interligar economicamente diferentes lugares do mundo, transportando vários tipos de materiais, aonde quer que fosse, dentre eles as substâncias psicotrópicas. A partir do século XVI houve a popularização dos fármacos clássicos ainda consumidos *in natura*, especialmente por europeus ocidentais (Torcato, 2016).

Ao contrário desse ambiente de progressiva aceitação, Silva (2009) encontra no período os contornos da restrição ao ressaltar a importância dos herbários como o berço da ciência moderna, em seu processo de inventariação de espécies botânicas e a catalogação de formas de uso e aplicações. Esse esforço vem acompanhado da delimitação da conduta esperada em relação a seus usos, na forma de “aceitação, tolerância, reserva e repulsa”. A partir desse contexto normativo, são erigidos os primeiros vetos (Silva, 2009, p. 41).

A revolução psicoativa está diretamente implicada na constituição de um mercado mundial de drogas. Para comprehendê-lo, Calvete e Souza (2020) investigam as relações

econômicas do comércio, a transformação das drogas em produto e seu papel na economia capitalista global, a partir da concepção marxista dos valores.

Para esses autores (Calvete; Souza, 2020) todo objeto, juntamente com sua utilização, acompanham a organização socioeconômica de um determinado lugar no espaço e no tempo. As drogas se enquadram como tal. Em um contexto pré-capitalista não existiam problemas sociais atrelados a elas, marcadas como estavam pelo uso coletivo. Nesse momento, o único valor que elas apresentam é o de uso, portanto não apresentavam valor econômico. O mercantilismo é um ponto de virada, que marca a transformação da droga em mercadoria, na medida em que foram transpostos os seus usos originais, que se circunscreviam à cultura local, em direção a um uso mais abrangente, acompanhado de trocas comerciais, o que lhe agrupa um valor econômico, que por sua vez é o elemento distintivo de uma mercadoria.

Outros autores também enquadram esse movimento à sua própria maneira, a diferença é o tratamento dado para a questão. Enquanto para Torcato (2016), as operações observadas se dão no interior da sociedade mundial com as alterações provocadas pelo influxo de substâncias psicotrópicas provocando novas experiências e percepções sociais. Para Silva, (2009) esse movimento é observado a partir da ótica das restrições e a ereção de mecanismos sociais, e posteriormente legais, para o controle e manejo da população, em especial a trabalhadora, enxergando a droga como um dos elementos constituintes desse processo. Aqui, o que interessa é o próprio estatuto da droga, e suas transformações, que se altera de acordo com os interesses econômicos internacionais (Calvete; Souza, 2020)

Trata-se, é claro, de diferenças de referencial teórico-metodológico. Essas observações incorporam elementos constituintes de um todo. Não apenas são coincidentes e complementares, como eles marcam um mesmo movimento global a partir de lentes distintas. A revolução psicoativa é a transformação das drogas em produto.

Mas um evento importante para a constituição da revolução psicoativa, não importa a abordagem observada, se deu no século XIX, com o isolamento dos princípios ativos das plantas com qualidades entorpecentes. Os alcaloides dessas plantas responsáveis pela sua ação psicoquímica foram sendo descobertos ao longo do século, da morfina (1805) à mescalina (1888), passando pela cocaína (1860). (Silva, 2009, p.42)

De acordo com Silva (2009), a farmacologia dá um salto qualitativo a partir dessa descoberta que possibilitou seu consumo em estado “puro”, sem a necessidade das demais partes da planta, o que facilitou seu transporte e seu acesso. Nesse ponto, os grandes laboratórios

farmacêuticos entram em cena, tornando-se porta-vozes oficiais do uso de medicamentos na sociedade, com os farmacêuticos convertidos em funcionários subordinados aos desígnios econômicos destas companhias.

Enquanto Tocato (2016) comenta a importância do isolamento dos princípios ativos na coroação da revolução psicoativa, como um momento inédito, Calvete e Souza (2020) também abordam esse processo, a partir de sua contribuição para a criação de um monopólio do mercado, por parte das grandes indústrias farmacêuticas.

A partir desse evento, ocorreu uma grande disseminação do consumo destas substâncias, sendo veiculadas como verdadeiras panaceias, na medida em que elas pontuavam possibilidades de extração de mais-valia dos trabalhadores, por um lado, e permitiam diminuir a fadiga desses trabalhadores e atenuar os problemas decorrentes do regime de trabalho, por outro. Por sua vez, elas foram prontamente acolhidas e aclamadas pela comunidade médica do século XIX, em sua intenção dupla de erradicar a humanidade das doenças e seu potencial para criar disposição para o trabalho. (Silva, 2009, p.68-70)

Joana Flores Duarte (2022) também procura reconstituir a formação do mercado mundial de drogas, a partir do século XIX, pensando na cocaína em específico. Em um primeiro momento, esse comércio se deu de forma legal, englobando países sul-americanos e europeus e, posteriormente, Java, na Indonésia. A partir dos anos 1920, inicia-se um processo de controle e criminalização global, a partir dos Estados Unidos, de usos diversos da cocaína para além do terapêutico. Em sua leitura, esse esforço se materializa em um conjunto de barreiras para dificultar possíveis articulações entre os países periféricos através do comércio legal, regulado pelo Estado.

Para Duarte todo o processo de criminalização das drogas faz parte de uma política imperialista que impõe de maneira externa suas resoluções, sem muitas possibilidades de confronto por parte dos países periféricos. O resultado é o fim de um mercado legal que difundiu o uso de cocaína pelo mundo, recreativa ou terapeuticamente, com a criação de um mercado ilegal bilionário que nega aos países responsáveis por sua produção o direito de soberania.

Para Calvete e Souza (2020), a nocividade das drogas até então amplamente consumidas em todo o planeta apareceu, enquanto discussão, a partir do século XX. Na forma de uma iniciativa estadunidense no contexto de sua política intervencionista, refletido aos demais países através dos órgãos diplomáticos internacionais. Se a venda desses produtos teve como perspectiva o lucro, sua proibição passa pelos mesmos interesses econômicos, apesar de

sua justificativa ter se dado no plano de suas particularidades farmacêuticas, sociológicas ou culturais.

Do ponto de vista internacional, Torcato, aponta para a criação de um bloco diplomático encabeçado pelos Estados Unidos e a China, no início do século XX, que defendia a proibição das drogas, com os primeiros buscando uma inserção diferente na Ásia, enquanto os segundos se faziam valer da retórica da nação submetida por um vício vindo do exterior — com interesses políticos internos próprios<sup>2</sup>. (Torcato, 2016, p.116-129)

Contudo, a efetividade final dessa aliança é discutível, já que na maioria dos países, a proibição das drogas se relacionava mais com as tensões geradas pelo facilitado acesso aos fármacos, anteriormente restritos a uma elite, do que à pressão externa feita por esses dois países. (Torcato, 2016, p.157)

A análise de Maurício Fiore também vai nessa mesma direção. Para o autor, embora o país norte-americano tenha desempenhado um papel pioneiro no empenho de tornar os esforços de proibição universais, foram necessárias convergências entre essa política externa e interesses locais que apontassem para a mesma direção. Apenas assim o proibicionismo pôde se converter em uma realidade global. (Fiore, 2012, p.9)

Courtwright aponta para a gradativa mudança de disposição das elites globais, a despeito dos consideráveis lucros, sobre o uso de substâncias psicoativas, na direção de restrições e proibições. Além disso, foi “uma tendência de longo prazo mais do que um evento específico, é difícil determinar uma data exata nessa mudança de prioridades coletiva”<sup>3</sup> (Courtwright, 2001, p.167)

Mas esse não foi apenas um assunto das elites, outros grupos sociais também enxergavam na proibição um caminho político viável, embora por motivos distintos. Tanto Courtwright (2001, p.175), quanto Torcato (2016, p.278) apontam como vários grupos sociais e ideológicos distintos lançaram mão do discurso proibicionista, especialmente em relação a bebidas alcoólicas, com propósitos políticos próprios.

Alguns autores, discutem sobre o consumo dessas substâncias e seu impacto para a vida social em determinado espaço-tempo, mas boa parte privilegia a revolução psicoativa, enquanto outros privilegiam a ascensão do proibicionismo no início do século XX e outros

---

<sup>2</sup> Para a dinastia Manchu esse hábito, que vinha se tornando progressivamente mais popular, era um símbolo de decadência dos costumes e ícone de um setor ilustrado politicamente opositor

<sup>3</sup> Tradução nossa. O original: “A long-term trend rather than a specific event, it is hard to put an exact date on this collective shift in priorities”.

fazem ambos os movimentos. No entanto, o momento considerado transitório entre um e outro, por vezes não é abordado com a ênfase necessária. Para contribuir no preenchimento dessa lacuna, este trabalho investiga como se deu, na imprensa – especificamente na *Gazeta de Notícias* – transformações de ordem discursiva a respeito da cocaína entre os anos de 1885 e 1910, isto é, em um período em que as normativas proibicionistas ainda não haviam sido erigidas, mas no qual um incipiente discurso sobre a cocaína começa a se formar nas páginas desse jornal, que a equaciona em meio aos problemas sociais e comportamentos considerados desviantes. Minha pesquisa pode contribuir para a discussão maior por ser mais específica, tanto em relação ao tratamento das fontes, quanto em relação ao objeto abordado: as publicações relacionadas com a cocaína; enquanto parte considerável desses autores trabalha com substâncias psicoativas de maneira geral.

Mas, para além de pensarem os possíveis motivos da proibição, outros autores procuram elucidar do que se trata o proibicionismo e quais os seus efeitos sociais e políticos. De acordo com Fiore, é a articulação de duas premissas principais, fundamentalmente equivocadas: seu uso é, além de dispensável, inherentemente nocivo e que, portanto, não pode ser permitido; e o Estado deve criminalizar sua circulação e o seu consumo (2012). Ainda segundo o autor, elas são falsas pois existem diversos motivos para a utilização dessas substâncias, em inúmeros contextos, tanto as legais quanto as ilegais. Ambas são perigosas, mas o erro da premissa está em criminalizar vendedores e consumidores, ignorando outras instâncias de controles e interdições mais eficazes, incluindo o social.

Já para McRae, o proibicionismo está atrelado à emergência do conceito de dependência química, que de tal forma obscureceu outras variáveis socioculturais, que dominou o entendimento da questão das drogas (2010). Mais diretamente o proibicionismo consiste em concentrar a atenção no combate ao produto droga, sem consideração de questões de outra ordem que atravessam seu uso.

Courtwright (2001) mapeia o percurso da recepção das drogas no ocidente até a sua proibição – que em boa medida é ecoado pelos outros autores, com pequenas alterações –, cujo início em linhas gerais é o seu uso terapêutico, como remédios experimentais e caros, até a descoberta de suas propriedades de alteração da consciência, o que converte esse uso para o reino do consumo. Uma vez que seu consumo se dissemina, abandonando a exclusividade médica, seu status muda e iniciam-se as intervenções. Uma provocação a se fazer é indagarmos se: mesmo enquanto remédio elas já não habitam a esfera do consumo? Como se delimita essas diferentes instâncias?

Torcato (2016) compartilha dessa visão cíclica do percurso das drogas na sociedade, excetuando o *crack*, que já nasce no contexto proibicionista do Brasil no século XX, já tendo sido criada para o mercado ilícito. O Brasil, assim como os demais países nesse momento, passou a lidar com essa questão no interior da esfera pública, tornando-a problema do campo da saúde.

Embora a política internacional dos Estados Unidos tenha agido como uma catalizadora das políticas intervencionistas internacionais, “o Brasil e a América Latina, ao contrário do que defende a historiografia, tiveram uma postura de defesa dos seus interesses e das suas políticas nesse campo” (Torcato, 2016). As noções patologizantes estariam ligadas à ascensão de um grupo intelectual responsável pela afirmação da psiquiatria enquanto ciência médica. Portanto, tem a ver com a articulação política de uma classe.

Mas não apenas isso, como as autoras Rybka, Nascimento e Guzzo (2018) apontam, existe um elemento importante na instauração e manutenção do proibicionismo, embora, por vezes, elusivo. O entendimento da criminalização de drogas como uma ferramenta de ação dupla que, ao mesmo tempo, torna possível desqualificar grupos sociais e permite o uso da violência para reprimi-los. Dois eixos sustentam esse paradigma político: a medicalização e a criminalização, ambos norteados por um conjunto de questões morais enraizadas na sociedade, mais do que premissas científicas abstratas ou justificativas simplesmente econômicas, embora estas também componham o todo.

O próprio Torcato (2016) oferece um complemento importante a esse argumento, com a primeira normativa legal contra a *Cannabis* no Rio de Janeiro, em 1830, muito antes das proibições do século seguinte. Mas tal como elas, está atravessada por um profundo caráter racial. Trata-se da primeira normativa ocidental contra a droga e sua criação está ligada ao impedimento de escravizados circularem e se aglomerarem no centro da cidade.

Uma comparação frutífera para essa discussão e que ilustra esse movimento, a respeito da diferença de tratamento e dos motivos de proibição da maconha e da cocaína, é apresentada por Sergio Trad. Uma das consequências do ideal civilizatório emergente na República foi a proibição de práticas culturais tipicamente afro-brasileiras, sob a justificativa de que eram comportamentos “primitivos”, que variam desde o samba até o uso de maconha. Mas a denúncia da cocaína nesse período, era comumente feita pelo jornal, sob o rótulo de “veneno elegante”, cuja tendência era o sensacionalismo apontado para os costumes da modernidade dos jovens de elite. (Trad, 2009, p.102-103)

Uma breve digressão a respeito da terminologia empregada pode ser salutar para compreender como os atravessamentos raciais e de classe são importantes para o tratamento concedido a um grupo de drogas. Ao final do século XX, surgiria o *crack*, apelidado de “droga da morte”. Sua única diferença para a cocaína, quimicamente falando, é o método de absorção, mas seus costumeiros consumidores, encontram-se em estado de vulnerabilidade social, marginalizados e estigmatizados.

Tarcísio Matos de Andrade trata do imaginário social ligado às drogas nas últimas seções de seu artigo *Reflexões sobre políticas de drogas no Brasil* (2011). Na sua argumentação o assassinato de várias pessoas por todo o país, em nome do combate ao tráfico, cujas principais vítimas são pessoas pobres, negras e periféricas, tem o seu impacto reduzido em função do esforço discursivo midiático marcado pelo emprego de termos desse tipo. Se o eufemismo “droga elegante” serviu outrora para amenizar a conotação negativa sobre os filhos da elite, o termo “droga da morte” naturaliza o assassinato de pessoas marginalizadas.

Voltemos para o desenvolvimento embrionário dessa lógica de funcionamento no Brasil. Enquanto para as autoras Rybka, Nascimento e Guzzo, o proibicionismo, nascido como política internacional, alcançou um Brasil, na Primeira República, em transição para uma sociedade capitalista no bojo de uma tensão entre duas classes se constituindo a chamada questão social (2018). Repressão às drogas foi uma dentre várias medidas empregadas para pacificar as contradições internas como regulamentações trabalhistas e medidas higienistas.

O argumento principal de Trad (2009) diz respeito à transição da política de drogas imperial para a republicana, com apontamentos interessantes. Trata-se de dois modelos distintos, respectivamente: o modelo clássico e o intervencionista. No primeiro, a prudência individual dos cidadãos é valorizada e as leis tendiam a interferir pouco no uso. Sendo assim as substâncias consideradas venenosas podiam ser adquiridas em estabelecimentos autorizados pelo Estado. Já no segundo, o Estado dispõe de meios para interditar o uso de uma substância. A transição foi mediada pela ascensão progressiva de uma visão baseada em um binômio delinquência-enfermidade. (Trad, 2009, p.97-100)

Torcato também se atenta a uma mudança de postura, mas rejeita a ideia de uma ascensão punitivista continuada. Ele identifica um momento de liberalismo, que vai do Império aos anos iniciais da Primeira República, seguido de um proibicionismo federalista que segue até a era Vargas (2016, p.254-280). Ambos os autores identificam momentos posteriores, na relação do Estado com as drogas, que não serão abordados nesta discussão.

Havia ações individuais dos municípios contra as drogas, nesse primeiro momento, mas estas ocorriam de forma pontual e desarticulada. Apenas o federalismo, enquanto modelo institucional, abriu espaço para medidas proibitivas em âmbitos maiores, mesmo que restritos a determinados Estados. Os arranjos dependiam das articulações dos estados com os municípios e eram feitos de forma irregular pelo país. (Torcato, 2016, p.254-267)

A cocaína esteve presente em toda essa trajetória, por vezes sendo colocada em um lugar de destaque, principalmente a partir de sua forma pura, sintetizada nos anos 1860, mas mesmo antes, na forma de folhas de coca. Alguns trabalhos se particularizam ao lhe dar enfoque especial, embora todos os outros o abordem em certa medida. Sobre os primeiros, existem dois artigos, que procuram dar conta de algumas discussões sobre a cocaína ao longo da história.

Chasin e Lima (2008) trazem à frente eventos pontuais significativos, a respeito da transformação social e cultural da cocaína. A começar pela utilização das folhas de coca como símbolo distintivo de status social no Império Inca, que por vezes se confundia com aspectos religiosos, assim como os observados na América portuguesa, e também em processos de cura. Mas esse pressuposto caiu por terra com a decadência do império. A colonização espanhola foi um fator alterador dos sentidos sociais até então vigentes. O consumo de coca torna-se parte do vocabulário colonial a respeito do trabalho. Mais do que isso, uma ferramenta de exploração econômica e subjugó de pessoas.

Todo o período entre o envio da planta para a Europa e o isolamento de seu princípio ativo são suprimidos. Mas, uma vez no século XIX, as autoras pontuam a popularidade em que produtos à base de cocaína – o que incluía alimentos voltados para crianças e bebidas, alcoólicas ou não – dispõem, principalmente os voltados para a indústria farmacêutica, mas que também não se limitavam a esse campo. Para as autoras (Chasin; Lima, 2008), o declínio da ampla utilização de cocaína e os posteriores processos de interdição de seu uso foram em decorrência da percepção dos seus efeitos adversos.

Essa lógica simplista, em geral desproblematizada, da compreensão a respeito do fenômeno das drogas e sua proibição – entremeada por algumas discussões interessantes – entra em contradição com a bibliografia até aqui apresentada, mas se encontra presente em alguns dos trabalhos que se propõem históricos, em especial vindos da área da saúde, que em geral seguem a mesma estrutura básica.

Assim como no artigo anterior, o de Flavia e Saint-Clair Bahls (2002), apresenta as origens Incas do consumo de folhas, bem como o panorama geral de consumo de cocaína na

Europa e nos Estados Unidos, a partir de sua sintetização na segunda metade do século XIX. A grande diferença é que este procura uma reconstituição do consumo de cocaína no Brasil e seu declínio do fim do comércio, a partir da transição do século, até sua proibição formal em 1921. Mas as ações brasileiras, nessa visão, são analisadas a partir da influência dos Estados Unidos, como alguns outros dos trabalhos analisados até agora. Assim tanto a proibição, quanto a nova ascensão do consumo (1970) acontecem aqui como decorrência de eventos externos.

Ambos os artigos tratam de períodos bastante longos e tem a pretensão de contar uma história geral sobre a cocaína. O trabalho por mim apresentado sob o formato deste artigo, no entanto, tem pretensões mais modestas, preocupado com a maneira em que se deu a construção do discurso que tira as drogas – a cocaína especificamente – da condição de remédio, envolta de uma pretensão científica, para colocá-la em meio a discursos de ordem moral, entre um período relativamente curto, que vai de 1885 a 1910.

Outros autores também trabalham com a imprensa e com a cocaína no Rio de Janeiro, no entanto, este artigo se diferencia deles por não se referir ao mesmo recorte temporal, tampouco o mesmo periódico. É o caso dos autores Shizuno e Souza, que também se inserem na discussão, procurando a construção da ideia de “vício”, que liga o uso de substâncias psicoativas, particularmente a cocaína e o ópio, à ideia de criminalidade e doença contagiosas (2024). A fonte de pesquisa deles é a revista *Vida Policial* (1925-1927), que continha relatos de crimes, editoriais e comentários a respeito do tema. No artigo, os autores comentam sobre a relação que os jornais construíram entre a droga e a prostituição.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE DESVIO A RESPEITO DA COCAÍNA NA GAZETA DE NOTÍCIAS (1885-1910)**

O fenômeno a ser estudado nas páginas que se seguem é o da alteração da abordagem do periódico *Gazeta de Notícias*, a respeito da cocaína. As mudanças ocorreram ao longo de vinte e cinco anos, compreendidos entre 1885 e 1910, período relativamente curto, mas são significativas o suficiente para serem investigadas. Durante todo esse tempo, a cocaína circulou por diferentes seções do jornal, por meio de jornalistas, anunciantes, contistas e cronistas, com seus respectivos gêneros textuais. Não se trata de uma progressão linear, mas antes um quadro complexo e cambiante que se altera à medida em que mais elementos vão sendo adicionados.

A cocaína começou a aparecer no periódico, fortemente vinculada ao universo da saúde, no ano de 1885. Timidamente ocupando espaços na seção de anúncios, começam a circular por volta desses anos as primeiras propagandas de produtos à base de cocaína<sup>4</sup>, mas já com algumas das características que se manteriam durante todo o seu período de veiculação. Todos eles tendem a seguir um certo padrão de escrita e de apresentação.

Todos são vinculados a alguma farmácia, ou pelo menos as mencionam como pontos de venda, geralmente ao final dos anúncios. Alguns ainda trazem na sua própria estrutura, ou no título, o nome do farmacêutico, ou médico, responsável pela fórmula bem como o preparador e o vendedor. Por vezes apenas um nome aparece, sem especificar a natureza do seu envolvimento com o produto, mas em outros casos, diferentes nomes são mencionados. Em ambos, o efeito é o mesmo: o público leitor do periódico é informado de que se trata de um remédio, um medicamento que pode ser adquirido em “diversas pharmacias”<sup>5</sup>.

Auxiliam nesse entendimento, o tipo específico de linguagem que acompanhava essas publicações em que se procura ressaltar a credibilidade do produto anunciado através da afirmação de sua disseminação entre médicos especialistas ou confiáveis, por um lado, mas também sua aplicabilidade e eficácia, por outro. Nesses anúncios é muito comum serem apresentadas listas de moléstias variadas do sistema respiratório ou digestivo, que poderiam ser tratadas a partir do uso desses produtos.

Eles não o faziam por acaso. Em uma rápida observação dos anúncios ao redor, percebe-se que, nesta parte do jornal, encontravam-se diversos outros que anunciavam desde alfaiatarias até casas lotéricas, mas especialmente de remédios. Estes últimos tendem a ser numerosos e eram dotados de muitos dos elementos discursivos observados aqui. Claro que as propagandas de remédios há muito haviam se estabelecido, quando apareceram os primeiros anúncios de cocaína no jornal, de modo que estes apenas incorporaram as características daqueles por estarem contidos nesse meio, ou seja, por serem considerados remédios.

No entanto, diferentemente das demais, estas conferiam muito destaque a existência da cocaína em sua composição, especialmente entre o final da década de 1880 e o início da seguinte. O nome da substância era exposto em letras garrafais e por vezes em negrito, quando não encabeçando o título do anúncio. Procedimento este que não parece ser tão usual em outras

---

<sup>4</sup> Além de um anúncio isolado de cocaína em 1885 (N.306), uma única série de propagandas começa a ser veiculada a partir de 1886 até dia 28 de outubro de 1887.

<sup>5</sup> 100%. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1892. Publicações a pedido, p.3

publicações de medicamentos. E não é acidental, ele indica que a existência de cocaína nesses remédios era, em si, um chamariz, ou seja, era algo a ser exposto e apresentado, sobretudo nos dez primeiros anos da circulação dos anúncios desses produtos.

As propagandas de remédios à base de cocaína atingem seu ápice na primeira metade da década de 1890. Nesse período está concentrado o maior número de anúncios referentes à cocaína no periódico, e, ao mesmo tempo, é aqui que se encontra a maior variedade de anunciantes. Apesar disso, eles compartilham o tipo de linguagem característico de propagandas de remédios. Mas elas começam a minguar ao longo da segunda metade da década, até que antes mesmo da virada de século já não é possível mais encontrar-los na *Gazeta de Notícias*.

Não apenas diminui a quantidade de propagandas, mas a própria posição que a cocaína ocupa em alguns dos anúncios. O último deles foi veiculado no jornal em novembro de 1898, tratando-se de uma propaganda de *Gottas Verdes de Chaves*<sup>6</sup>, antes veiculado como *Gottas Verdes de Cocaína de Chaves*<sup>7</sup>. Durante quatro anos, isto é, desde 1894, este anunciante usou a *Gazeta de Notícias* como veículo para suas propagandas de anestésico para dores de dente e ouvido, mas a mudança sutil no nome do produto, em seu último ano de veiculação veio acompanhada da frase: “a cocaína, base de sua composição está rigorosamente controlada (...)”<sup>8</sup>.

Essa frase indica que a primazia terapêutica da cocaína, pelo menos nos anúncios, se encontrava comprometida, nos anos finais da década de 1890. Sabemos que a cocaína continuava a ser utilizada, mesmo em outros contextos dos quais falaremos em seguida, e que continuaria a ser vendida. No entanto, o que nos importa aqui é como ela está sendo veiculada, mesmo não sendo provavelmente os próprios jornalistas quem escreviam os anúncios. Enquanto produto veiculado no jornal, a ideia da cocaína vinculada à saúde, parece não ser mais tão imediata, dessa maneira o nome da substância não apenas assume um lugar menos central no anúncio, como também é explicitado o controle sobre a quantidade da substância. O que se contrasta bastante com as propagandas iniciais da cocaína, dos primeiros anos de sua veiculação.

Havia ainda alguns anúncios, feitos por farmácias, durante os primeiros anos de veiculação, que tendiam a ser maiores e com mais informações. Através deles podemos analisar

---

<sup>6</sup> Dores de dente. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1898. Publicações a pedido, p.3

<sup>7</sup> Dores de dentes e ouvidos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de março de 1894. Annuncios, p.4

<sup>8</sup> Dores de Dente. Op. Cit.

elementos que estão apenas implícitos nos demais. Neles, pode-se ver um discurso que saúda a modernidade e as inovações farmacêuticas, sempre enquadrando a cocaína como uma grande descoberta e um produto terapeuticamente poderoso.

O texto contido no primeiro anúncio das *Pastilhas de chloreto de potássio e cocaína de V. Verneck*, na *Gazeta de Notícias*<sup>9</sup>, demonstra bem esse movimento. Trata-se da transcrição de um trecho da revista *Brazil Médico*<sup>10</sup>, sobre essas mesmas pastilhas. É feita uma pequena linha do tempo, a partir da qual são apontadas algumas descobertas recentes, como a do uso anestésico da cocaína. Comenta-se do seu alto valor terapêutico, e de sua aceitação por “clínicos confiáveis”. Aqui a ideia vendida, tanto quanto o produto, é exposta explicitamente: um futuro de inovações e avanços é materializado na cocaína. Desde cedo tenta-se delimitar seu lugar de circulação e validar seu uso, neste contexto específico.

Mas as publicações sobre cocaína não estavam restritas às propagandas, construídas com o intuito último de vendê-la como produto. Elas tampouco foram as únicas a, de certa maneira, chancelarem em favor da utilização da cocaína. Pouco antes do primeiro anúncio<sup>11</sup> notícias de cirurgias bem-sucedidas, cujo anestésico empregado era a cocaína, começam a aparecer no jornal.

Estas eram menos frequentes, principalmente quando se leva em consideração a quantidade de anúncios repetidos, no entanto, foram mais longevas do que aqueles. Além disso, elas permitem observar um tipo de comunicação diferente, ou seja, a comunicação médica a respeito da droga – já que boa parte dessas notícias vinha de excertos de revistas médicas ou trechos que comentavam esse tipo de publicação –, pelo menos a que os leitores não médicos da *Gazeta de Notícias*, em geral, tinham acesso.

Nas primeiras notícias, em pequenas seções sem título e escritas de modo a evocar neutralidade e um saber técnico, atestava-se o funcionamento anestésico da cocaína em cirurgias. Elas apresentavam o cirurgião responsável, o tipo de cirurgia, que variava consideravelmente, e o nome da substância usada como anestésico. Se de início elas podem parecer inconsequentes, as reiteradas afirmações do seu uso em contextos médicos diferentes, fornecia aos leitores e aos anunciantes tanto o vocabulário, quanto a confirmação de sua

<sup>9</sup> Pastilhas de Chloridrato de Potassio e Cocaina de V. Verneck. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1890. Annuncios, p.4

<sup>10</sup> Era uma revista semanal de medicina e cirurgia. Muitos trechos publicados nessa e em outras revistas médicas circulavam no jornal. As vezes eram anunciadas no jornal novas edições delas, em conjunto com um sumário de assuntos abordados no volume, as vezes comentava-se procedimentos de médicos ou novas tecnologias medicocirúrgicas.

<sup>11</sup> Cocaina. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1885. Annuncios, p.4

aplicabilidade e seu largo emprego pela classe médica, os quais eram, por diversas vezes, referenciados pelas propagandas.

Essa relação simbiótica se desenvolveu desde os primeiros anos da existência de ambas, de modo que não é possível dissocia-la. O que se deu a partir da descoberta das propriedades analgésicas e anestésicas da cocaína em 1884. Segundo a interpretação de Torcato (2016), enquanto nos Estados Unidos a cocaína era utilizada sobretudo como um incremento alimentar, presente em tónicos e bebidas variadas, no Brasil seu uso apenas se popularizou a partir do uso terapêutico.

Se o uso dessa substância apresentou um salto qualitativo para a anestesia local<sup>12</sup> no mundo, sua popularidade no Brasil, se deu a partir dessa descoberta. O periódico parece confirmar esse movimento, pois não existem menções à cocaína, que precedem 1885, no periódico, apesar de sua existência precedê-lo em mais de dez anos. Por outro lado, como pudemos observar, houve duas grandes vias de entrada da cocaína nas publicações da *Gazeta de Notícias* fazendo referência ao seu uso terapêutico após essa data. Ambas atestando e/ou promovendo sua disseminação para o público leitor.

Rapidamente começaram a aparecer nas publicações a pedido, indivíduos agradecendo cirurgiões por procedimentos realizados com cocaína e notícias saudando os avanços da química moderna, cujo progresso parecia apontar para o fim da existência da dor. É o caso de um trecho nessa mesma seção<sup>13</sup>, que se refere nominalmente à cocaína quando trata desses avanços. Mesmo que seja um texto que se transforma na promoção de outro produto no final, ele parece capturar, e apresentar explicitamente, o sentido do discurso que permeia essas propagandas e notícias de maneira mais sutil, principalmente essas últimas.

Havia um crescente senso de confiança no jornal, vindo das publicações que tratam do tema, e que concatenavam as ideias de saúde e modernidade, expressas através das propagandas e as outras notícias de fontes não médicas, mas que estavam de certa forma se ancorando nessas notas tecnicistas a respeito do emprego de cocaína nas cirurgias. Por vezes, elas eram escritas com palavras e termos complexos que conferiam credibilidade para esses textos.

Esse cenário se manteve relativamente estável durante a década de 1890, mas, apesar desses textos serem de modo geral positivos em relação à cocaína, eles também tendiam

---

<sup>12</sup> Havia outras formas de anestesia local que precederam a cocaína. No entanto seu uso era específico para determinados procedimentos e, em geral, eram mais difíceis de aplicar.

<sup>13</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1894. Publicações a pedido, p.2

a ser curtos, e sem ocupar locais de muito destaque no jornal. Além disso em sua maioria eram notícias sem título e de pequena extensão.

Mas mesmo nessas, na virada do século, a formalidade das notícias, cede um pouco para dar lugar a um tom mais familiar. Novos usos cirúrgicos da cocaína são descobertos nesse período, o que leva a um novo crescimento de menções: algumas sobre conselhos médicos debatendo-os e outras apresentando seus resultados positivos. Não existem aqui mais as propagandas que permeavam os jornais alguns anos antes, as notícias, em contrapartida mantém um tom abertamente favorável, algumas comentavam o fato da aceitação da cocaína estar disseminada entre os médicos, ou seja, incorporando aspectos antes vistos apenas nas propagandas.

Essas notícias se mantém pelos primeiros anos do século XX. Mas o ponto alto desse processo é quando se intensifica a aparição de notícias de outro tipo que também citam a cocaína, mas em um sentido muito diferente. Mas, para falar sobre esse fenômeno, é necessário retornar um pouco no tempo, no período em que as propagandas de remédio à base de cocaína ainda eram comuns e de fato estavam no seu auge.

Em 1895, em uma pequena nota isolada, aparece a primeira menção a uma tentativa malsucedida de suicídio por envenenamento através da ingestão de cocaína<sup>14</sup>. Apesar de ser bastante curta, ela em tudo contrasta com o que vimos ser vinculado a respeito dessa substância até aqui. A começar pelo lugar que a cocaína ocupa na notícia: se desde durante esse período, tanto nas propagandas quanto nas notícias de seu uso cirúrgico, ela se constituía como um dos elementos destacados na publicação. Aqui ela é mencionada quase como de passagem, como se a existência da substância nesse contexto não fosse importante.

Apesar disso, notícias como essa desafiam toda a noção de confiabilidade da droga, construída e ressaltada em múltiplas oportunidades e de diversas formas. Durante o período foi erigido um discurso de que se tratava de um medicamento capaz de atuar sobre uma vasta gama de doenças e que, apesar disso, não apresentava contraindicações, que revolucionou o meio cirúrgico, indicado por todos os médicos confiáveis e que poderia ser comprado em diversas farmácias.

A fragilidade toda dessa construção se escancara nessa curta notícia, pois ela permite um vislumbre do esforço discursivo, e é capaz de trinca-lo, simplesmente por mostrar que a cocaína, assim como qualquer outra substância ou medicamento, pode ser perigosa. Ela

---

<sup>14</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1895. p.7

não é a única nesse sentido, pois outras notícias de envenenamento accidental de cocaína, veiculadas alguns anos mais tarde, também o fazem<sup>15</sup>. Mas, ela é a primeira de um tipo de notícia que, como veremos, se popularizaria em anos posteriores.

A nota descreve a tentativa de suicídio de Alhina de Freitas, que, apesar da menoridade, tem seu nome e sua idade divulgados pelo jornal. Essa prática era comum nessas páginas, sendo repetida em várias notícias envolvendo crianças de várias idades sob o mesmo termo de “menor”, usado especialmente em teor negativo. Apesar de não ser tão frequentes nas demais notícias, esse fato é destacado nesta. Mas outro ponto de destaque nessa notícia, que tende a ser comum nas demais, é o enfoque dado à desilusão amorosa, apresentada como o motivo do ato, e que parece encerrar a notícia. Nessa lógica de escrita, nenhuma informação posterior parece ser necessária, nenhum outro elemento é relevante.

Apesar da grande quantidade de suicídios, e tentativas, veiculados no jornal, essa é a única que envolve a cocaína a figurar nas páginas da *Gazeta de Notícias*, na década de 1890. Notícias similares a essa começam a aparecer com uma maior frequência uma vez findas as propagandas de cocaína. Na virada do século, para 1900, é quando se tornam mais comuns notícias cujo título *Tentativa de suicídio*<sup>16</sup>, aparece em destaque. Tratavam-se de notas curtas, nas quais o suposto motivo da tentativa de suicídio, muitas vezes precediam o próprio nome da vítima.

Nelas, notam-se temas comuns, que se diferenciam acentuadamente a depender do gênero retratado. Geralmente quando os jornalistas falam sobre mulheres, as matérias tendem a enfatizar a sua vida amorosa e apresentar um tipo de explicação por meio dela. Tratando de mulheres jovens e solteiras, as notícias parecem se encerrar na explicação de uma desilusão amorosa. Mas também as brigas e “arruídos” entre as mulheres e seus “amásios”<sup>17</sup> eram comumente apontados como os motivos.

Já quando essas notícias tratam da tentativa de suicídio masculinas, os temas que emergem são relacionados ao mundo do trabalho. Como notícias de homens que recorrem à cocaína para tentar pôr termo à própria existência, em função do desemprego<sup>18</sup>. Mas mesmo quando o motivo é desconhecido, ou não revelado, a ocupação é sempre um dos principais elementos presentes.

---

<sup>15</sup> **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1898. p.1

<sup>16</sup> Esse título aparece em uma série de notas sobre suicídios que estampam o jornal entre 1901 e 1903.

<sup>17</sup> Tentativa de suicídio. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1903. p.3

<sup>18</sup> Acto de desespero. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1901. p.3

Esses temas recorrentes, pela maneira como são colocados nas notícias, parecem justificar toda a sua existência. Como se mesmo a tentativa do suicídio fosse secundária na notícia, frente à reafirmação dos estereótipos de gênero. Esses elementos foram elencados para a compreensão de que em todos esses casos, a cocaína está presente apenas como o meio utilizado para um fim. O papel da droga na construção da notícia é secundário, isso é relevante pois mostra que não existia uma ligação imediata entre os temas.

Igualmente relevante é apontar que nesse momento, isto é, nos primeiros três anos da década de 1900, ainda são publicadas notícias sobre cirurgias que mencionam o uso da cocaína, bem como alguns agradecimentos, por esse tipo de cirurgia, na seção a pedidos. Nesse período, várias tentativas de suicídio, e alguns envenenamentos acidentais, são publicados na *Gazeta de Notícias*. Apesar da noção terapêutica e médica atrelada a cocaína ainda se constituir verdadeiramente como um discurso, a veiculação desses dois tipos de notícias de conteúdo e naturezas tão distintas se apresenta como uma contradição da ideia até então veiculada, e que se agrava a cada notícia de tentativa de suicídio.

Mas tanto uns quanto os outros sessam de aparecer em fins do ano de 1903. A única publicação que mencionava cocaína, desse ano até 1905, era em um anúncio de dentista que elencava a extração de dentes com anestesia local de cocaína, em meio a uma extensa lista de outros serviços oferecidos. O anúncio, sob o título de *Dentarium*<sup>19</sup> circulou por três anos. À parte dele, não havia outras menções à cocaína durante todo esse tempo.

Quando temas relativos à cocaína voltam a circular pelo periódico, algumas mudanças são perceptíveis. Se era possível ver, anteriormente, como a cocaína era celebrada nos jornais, pelo seu uso anestésico, mesmo quando começam a aparecer as notícias de tentativas de suicídio. Após o retorno das menções, findam-se todas as notas que tratam a cocaína de modo minimamente positivo. Se ela era utilizada em cirurgias, só conseguimos saber indiretamente pelo jornal, em anúncios de dentistas e/ou listada entre vários outros materiais e substâncias de materiais hospitalares, de maneira quase escondida.<sup>20</sup>

No entanto, temos alguns indícios de que ela ainda podia ser tratada como um medicamento de uso mais popular. Um deles está presente em um conto intitulado *A Sensação do Passado*<sup>21</sup>, publicado pela primeira vez em 1905, em que João do Rio apresenta de forma

<sup>19</sup> *Dentarium. Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1903. Annuncios, p.5

<sup>20</sup> Esse fenômeno pode ser observado por exemplo na matéria de inauguração do Hospital Central do Exército, em que a cocaína é citada entre os anestésicos empregados na sala de anestesia. Veiculada dia 10 de novembro de 1906, Na *Gazeta de Notícias* (n.314, p.1)

<sup>21</sup> Rio, João do. A sensação do passado. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1905. p.2

casual, um personagem sofrendo de uma nevralgia ser prontamente socorrido através da cocaína. É um trecho quase inconsequente para a história, mas sua presença comunica duas coisas: a primeira de que era possível, em locais de certa distinção social, a presença de cocaína e outra de que seu uso terapêutico ainda podia ser concebido.

Ela o faz na medida em que escritores desse período, buscavam produzir um espaço duplicado de realidade, a partir do verossímil, de modo a construir uma imagem totalizante da realidade social e psíquica do homem (Fernandes, 2018). O que significa que esses autores procuravam apresentar cenários e situações que fossem entendidos com sentido de verdade, de verossimilhança. A presença da cocaína nesse conto indica que nesse tipo de situação social, sua presença seria relativamente comum nesse contexto.

O retorno da cocaína aos jornais, traz consigo ainda outra novidade, um outro tipo de discurso começa a aparecer nos jornais, nessa segunda metade da década de 1900, com uma retórica já presenciada anos antes, mas que se referia a outras substâncias, como a morfina. Despontam no periódico textos destinados a tratar do tema cocainomania, quer relacionada a crimes ou não, mas sempre ligadas a homens com alguma distinção social, cujo contato com a substância os fez perder essa qualidade de distinção.

Em 1908, cobrindo quase metade da primeira página da *Gazeta de Notícias*, é publicado um texto que trata da corrupção de um homem pela cocaína. Sob o título de *Lagrima de Santa*<sup>22</sup> se estende uma narrativa sentimental e afetada a respeito de um homem expansivo, mas possuidor de um intelecto arguto e grandes poderes de observação, mas que se tornou arredio e evitava as pessoas a quem era antes afeito, em decorrência do vício em cocaína. É descrita a sua progressiva decadência física e moral, como a “emocionante fallencia de uma alma”, mas que veio a se redimir em decorrência das lágrimas de sua esposa, a quem chamava de santa.

Esse texto, assinado por Ignácio Rivera, representa uma mudança sensível na maneira de apresentar a cocaína. A partir da mobilização de argumentos abertamente morais, e negativos a respeito da droga e daqueles que a usam, sem a pretensão científica, ou técnica sobre as quais se cobriam as notícias anteriores. Apesar de não ser a primeira vez a fazê-lo, sua posição no jornal, e mesmo a extensão, a fazem se destacar, em conjunto com seus elementos discursivos. A cocaína é apresentada aqui como uma força destruidora de homens outrora bons, o que aparece em outros textos similares a este, mas nesse conto é delimitada claramente uma

---

<sup>22</sup> RIVERA, Ignácio. *Lagrima de Santa*. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 03 de março de 1908. p.1

oposição entre a droga e a família nuclear, apresentada como submissa, que aparece apenas no final do texto para arrematar o marido e pai valoroso dos males do vício.

O texto, aqui, cumpre um papel para além de entreter ou informar, mas o de produzir significados, ele apresenta um sentido para os leitores a respeito da cocaína, a ser mobilizado nos demais textos a respeito do tema, que indica uma maneira de entendê-lo. Esse significado equaciona cocaína à falência moral e seu posicionamento na primeira página do periódico indica a ênfase conferida a essa mensagem, o que aponta para uma grande mudança na maneira em que o jornal apresenta a cocaína.

Outras matérias a esse respeito também passam a compor as páginas do jornal, em tons mais beligerantes, algumas delas com bastante destaque, ocupando partes consideráveis da primeira página, mas outras menores, publicadas em locais de menor visibilidade. Algumas demandam que a lei seja cumprida, através da polícia; outras denunciam a devassidão e a moral brasileiras, usando termos como degeneração e outros vocábulos emprestados dos discursos racialistas, que ganhavam tração nesse período. Mas ambas comentam sobre a disseminação de tóxicos, de maneira geral, mas quase invariavelmente se referem à cocaína.

Nesse momento também, retornam as notícias de tentativas de suicídio, mas essas são já são menos veiculadas do que os suicídios de fato. Estes parecem atrair mais o interesse dos leitores, na medida em que as matérias se tornam maiores e mais cheias de detalhes, publicadas em locais de maior destaque e com textos mais sensacionalistas que nas notícias de tentativas de suicídio anteriores não pareciam ser tão utilizados.

Muitos dos temas presentes nas notícias anteriores de tentativas de suicídios, retornam e, em muitos casos, se extremam. Histórias cada vez mais complexas, que assumem um caráter por vezes quase literário, a respeito de traições, amores não correspondidos e toda sorte de dramas dignos de romances com os fins trágicos de suicídios ou tentativas circulam pelo jornal. A desumanização promovida por essas notícias reside justamente no emprego destes recursos, por se tratarem de seres humanos, e não personagens.

Mesmo assim, cinicamente, em notícias de suicídio, principalmente as que trazem pessoas entendidas como desviantes, por vezes o sentido da escrita é feito de modo a parecer que o ato de alguma maneira é justificado. É muito comum que as tentativas malsucedidas fossem escritas de modo a evocar um sentimento cômico, em alguns casos mesmo fazendo referência às propriedades terapêuticas da cocaína.

Mas se antes a cocaína, na estrutura dessas notícias aparecia apenas no corpo do texto, ela pode ser vista, em várias delas, compondo os subtítulos<sup>23</sup>. Ao conferir destaque a esse elemento, seu nome se atrela diretamente a esses casos. Os suicídios já compunham um segmento importante das notícias no jornal, mas a cocaína passa a compor o mesmo léxico, o dos comportamentos desviantes, especialmente quando se leva em conta os textos condenando os vícios.

A quantidade de notícias sobre suicídios, envolvendo cocaína, se intensificam a partir de 1908, e se avolumam mais à medida que se caminha para o final da década, superando em muito, quaisquer outros tipos de notícias. Os leitores teriam se acostumado a esperar uma notícia de suicídio, quando a chamada da notícia trazia a palavra cocaína.

Considerando ainda as referências, cada vez mais tênuas, no entanto ainda presentes, da cocaína em contextos médicos e terapêuticos, a existência de textos tão negativos parece apontar para um esforço de delimitação do meio em que se pode circular essa droga. Qualquer outra menção, que não seja em um contexto médico – mas mesmo nelas, o nome cocaína é ocultado sempre que possível – é apresentada como catastrófica, seja nas notícias de suicídios que se espalham pelo jornal, seja em comentários a respeito da adição dos cocainômanos.

A respeito destas últimas, pode-se observar um movimento de inversão, que as transformam em propagandas, similares aos primeiros anúncios de cocaína publicados no jornal, mas agora com o sentido negativo, se antes o caminho para o futuro estava embebido em cocaína, agora a droga representa a decadência, um vício maldito que se apodera de bons homens, mas também o símbolo da degeneração, que propele ao crime e à negação da humanidade. Trabalhada fortemente a partir do âmbito moral.

Posteriormente, esse processo continua assumindo contornos diferentes, com outros elementos compondo esse complexo quadro, como sua vinculação inesperada à prostituição – mas compreensível na medida em que se trata de um grupo sobre o qual os jornais imprimem a marca de degenerado, em uma retórica parecida em alguns pontos com aquela que vimos sendo usada para enquadrar os adictos –, até sua proibição em 1921, e mesmo após, matérias foram veiculadas. Cuja análise pode ser desenvolvida em trabalhos posteriores.

---

<sup>23</sup> Notícias como estas podem ser vistas na *Gazeta de Notícias*: 10 de fevereiro de 1906 (N.41, p.3) sob o título: *Mais um suicídio*; 18 de agosto de 1907 (N.230, p.7) sob o título: *Desespero de morte*; 04 de junho de 1908 (N.156, p.3) sob o título: *Para morrer*; entre outras.

## **4 ENTRELAÇAMENTO ENTRE DROGAS E FONTES DE IMPRENSA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

### **4.1 USO DA IMPRENSA COMO FONTE HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A utilização da imprensa em aulas de história pode ser bastante frutífera para a construção do conhecimento histórico, na medida em que os jornais ainda hoje, como nos séculos XIX e XX, embora de maneira diferentes, representam um importante meio de comunicação e disseminação de ideias, sobre o qual se faz necessário refletir.

Além disso, a própria longevidade da mídia, particularmente quando se pensa no jornal, bem como em sua penetração no tecido social, permitem inúmeras possibilidades temáticas e de abordagem a serem desenvolvidas em sala de aula. Vários eventos importantes estamparam páginas da imprensa, da mesma maneira que articulações e conceitos foram concebidos a partir de seus textos, ao longo do seu período de existência. A multiplicidade de periódicos com configurações políticas diferentes, sozinha, pode complexificar qualquer análise sobre um dado tempo ou tema histórico. Utiliza-la como recurso pedagógico, no entanto, requer alguns cuidados de ordem teórica e metodológica, em especial quando se pensa no ensino de História.

Como alertam as autoras Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2009), o uso da imprensa em trabalhos acadêmicos e no ensino, corre o risco de apresentar uma descontinuidade entre os objetos de análise e as tramas históricas às quais eles estão inseridos, quando se toma a imprensa isoladamente na análise. Mas também de ser considerada como uma mera fonte de informação a respeito dos temas trabalhados, um reflexo da sociedade para a qual nenhuma análise mais profunda é voltada propriamente para a maneira em que ela atua.

Pensando nessas questões, e procurando não naturalizar a existência e atuação da imprensa, a análise de fontes, utilizada no ensino, deve ser desenvolvida tendo em vista seu potencial de promover a reflexão, entre os estudantes, de que se tratam de documentos produzidos por indivíduos, ou grupos de indivíduos, em sociedades distintas – social, cultural e politicamente. Consequentemente elas foram concebidas por sujeitos diferentes e atravessados por relações de poder distintas que devem ser alvo de análise.

Sobretudo os jornais são documentos e, como tal, carregam em si características próprias do momento em que foram concebidos, não de forma accidental, mas por serem fruto de deliberação e escolhas. Utilizá-los como fontes é uma forma de refletir a respeito de como as sociedades se alteram, mas também que existem semelhanças e continuidades, que podem ser percebidas e endereçadas para tornar a análise ainda mais rica.

A imprensa deve ser trabalhada em sua relação com a sociedade, a partir do movimento duplo de procurar pautar a opinião pública, mas também buscando a aprovação do leitor, na compreensão de que se trata de um lugar social próprio, dotado de historicidade e particularidades. Ademais, a tarefa de quem se debruça sobre fontes de imprensa, deve ser a de pensar em como ela se coloca na correlação de forças em determinado momento histórico (Cruz; Peixoto, 2009).

Nesse sentido, ao utilizar essas fontes no desenvolvimento do conhecimento histórico deve-se levar em consideração não apenas o período temporal no qual elas estão inseridas. Mas, sobretudo, como elas se colocam enquanto agentes políticos ativos: quais os sentidos, articulações e discursos se constroem a partir destas páginas? E em relação ao que eles são erigidos?

Em sala de aula, à essas questões são adicionadas outras próprias do movimento pedagógico. Pois não se trata de simplesmente apresentar expositivamente as fontes e seus sentidos possíveis de leitura aos estudantes, semelhante atuação não poderia receber o nome de ensino. Com a consciência de que “(...) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (Freire, 2024. p.24), se faz necessário pensar em uma forma de ensino construída com a perspectiva de favorecer a autonomia intelectual dos estudantes, propondo um diálogo continuado e desenvolvido através de discussões e análises que os coloca como indivíduos ativos no processo de ensino, como produtores de conhecimento.

Dessa maneira, não se procura esgotar um tema em uma análise, mas permitir que a curiosidade se desenvolva em sala de aula. A atuação do professor frente ao uso das fontes deve ser o de aguçar as sensibilidades do estudante e apontar um direcionamento às suas indagações sem, contudo, desconsiderar os conhecimentos e as questões levantadas por eles.

As autoras Fabiana de Almeida e Sônia Miranda (2021) ao produzirem um relato sobre sua experiência pedagógica com uma turma de sexto ano, trazem questões que têm a ver com a própria prática do ensino de história, caras à nossa discussão. As autoras comunicam

sobre a importância de encontrar uma conexão com o tempo presente, que confira sentido ao fazer histórico, isto é, fazer com que o exercício de indagar o passado não se torne uma prática vazia de significado. Deve-se procurar entrar em contato com a experiência humana de outrora.

Nesse sentido, nenhum conteúdo abordado deve ser concebido como um fim em si, e sim como fonte de reflexão a respeito da sociedade em que se vive. Essa investigação não deve simplesmente buscar, através do passado, compreender melhor um período histórico, tampouco apenas reelaborar as questões do presente, deve-se procurar encontrar o nexo causal que liga as duas temporalidades distintas.

O uso da imprensa em sala de aula ganha ainda outro significado, à luz desses apontamentos, que tem a ver com a própria historicização da fonte. Para além do conteúdo propriamente dito das páginas dos jornais, apesar de passar por eles, o trabalho com a imprensa no ensino de história deve partir do que é familiar para os estudantes para que ao serem confrontados com os consensos do passado, ele se revele em sua historicidade, perdendo o sentido de naturalidade que os cobria.

#### 4.2 ANÁLISE DA BNCC

Antes de prosseguir para as possibilidades de ensino a partir dos temas trabalhados neste artigo, se faz necessário investigar o principal documento que rege e normatiza o ensino no Brasil, a BNCC (Brasil, 2018), a fim de encontrar possibilidades pedagógicas que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Nenhuma das habilidades específicas da BNCC referentes à História, tanto no ensino fundamental quanto seu equivalente no ensino médio, dizem respeito diretamente ao tema mais geral deste trabalho: a construção de um discurso sobre as drogas na imprensa. No entanto, algumas delas podem abranger de forma incompleta, no caso do ensino fundamental, especialmente quando se pensa no período histórico abordado, ou por ser, de modo geral, genérica e abrangente no ensino médio.

Na seção correspondente aos anos finais do ensino fundamental, o texto menciona os procedimentos básicos a serem trabalhados em sala de aula, a respeito de documentos históricos, sobre como apresenta-los aos estudantes. E ressalta a importância de trabalhá-los de maneira que os estudantes compreendam e reflitam sobre a produção e circulação desses documentos. Assim, o uso de periódicos enquanto fonte histórica nessas séries corresponde à expectativa da BNCC.

No entanto, no que diz respeito às habilidades específicas, as únicas aproximações encontradas são tênuas, de maneira geral, e apenas ocorrem se o trabalho for enquadrado nas transformações ocorridas no início do período republicano, que de certa maneira conversa com a discussão presente neste artigo, mas o faz de modo tangencial e fragmentado, no melhor dos casos, por estar incompleto temporalmente, e principalmente por não dizer respeito ao tema central propriamente dito.

Para o ensino médio, todas as matérias das ciências humanas e sociais, são agrupadas sob o nome de *Área de ciências humanas e sociais aplicadas*, de modo que as habilidades não dizem respeito a um conteúdo único, mas que de maneira generalizante possa ser aplicado às diversas disciplinas. Algumas habilidades, referentes à primeira competência específica, podem ser trabalhadas, quando se leva em consideração o manuseio de jornais como fontes históricas ou a utilização de conceitos chave, como o proibicionismo.

Por outro lado, a única menção direta a substâncias psicoativas na BNCC acontece no caderno de ciências, do 6º ano do ensino fundamental. Sob o código EF06CI10, a habilidade demanda “Explicar como o funcionamento do sistema nervoso pode ser afetado por substâncias psicoativas” (Brasil, 2019, p.445). A habilidade delimita o campo de ação e discussão unicamente aos efeitos físicos da droga no organismo, de modo a barrar outras discussões possíveis a respeito do tema.

De acordo com Maria Lourdes Silva e Franscisco Coelho (2022), se o espaço para o debate a respeito das drogas estava assegurado, legal e democraticamente, na norma educacional anterior, a atual suspende esses dispositivos para silenciar o tema, de modo a favorecer o tratamento da questão sob um prisma generalista, e aderido às abordagens esquivas ou punitivas. O estreito prisma de tratamento do tema impede que ele seja abordado de forma mais complexa e reflete o recrudescimento da educação de maneira geral, e a falta de comprometimento do documento com questões importantes dessa natureza. Esse aspecto é notável, sobretudo diante da ausência do tema em disciplinas de ciências humanas, relegando esse assunto às ciências da natureza.

Essa rápida análise leva à conclusão de que a própria divisão do conteúdo em habilidades específicas limita em muito as possibilidades pedagógicas em sala de aula. Sua formulação dificulta o trabalho com temas menos usuais, mas que são igualmente necessários e importantes. No caso do tema específico das drogas, existe apenas uma menção, mas que não inclui o seu caráter social ou as problemáticas políticas que vêm atreladas a esse tema, de modo

que propicie uma discussão de forma séria a respeito das drogas, ou substâncias psicoativas, no Brasil.

Apesar disso, algumas habilidades podem ser desenvolvidas pensando em um plano de aula, que aborde esse tema, nominalmente as habilidades EM13CHS101 e EM13CHS102. A primeira habilidade estipula que se deve “Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais” (Brasil, 2018, p. 572). Já a segunda diz “Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos” (Brasil, 2018, p. 572).

Estas habilidades, que possuem uma grande abrangência, se referem mais à estruturação metodológica do que a um conteúdo específico. Portanto, essa proposta pedagógica poderia ser desenvolvida em conformidade à BNCC através do cumprimento dessas habilidades.

#### 4.3 POSSIBILIDADE PEDAGÓGICA DO TEMA DROGAS (OU SUBSTÂNICAS PSICOATIVAS

Este é um tema abordado de maneira insuficiente na educação básica, como podemos observar na pequena seção de análise da BNCC, mas cuja ausência acentua ainda mais a importância de um tratamento adequado e comprometido que requer a complexidade do tema. O que fazem alguns autores ao trabalhar o tema a partir da prática de prevenção nas escolas, abordando a perspectiva da redução de danos<sup>24</sup>, como uma alternativa à política de guerra às drogas, apresentando nuances em um debate que por vezes é realizado em termos das ciências da natureza.

---

<sup>24</sup> Alguns dos autores que tratam do tema nessa perspectiva:

CARLINI-COTRIM, B. Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: **AQUINO, J.G. (Org.). DROGAS NA ESCOLA: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998. p.19-30.  
COELHO, Francisco José Figueiredo; TAMIASSO-MARTINHON, Priscila; SOUSA, Célia. História, Ciência e reflexões: uma proposta transdisciplinar da inclusão de debates sobre drogas na escola. In: **Scientiarum Historia IX-9º Congresso de História das Ciências das Técnicas e Epistemologia (HCTE)**. 2016.

Embora este seja um debate muito importante, considero que também seja igualmente importante trabalhar as drogas em instâncias diversas à do consumo, especialmente pensando em como surgem, e se mantém, os discursos que permitem – e por vezes chancelam a favor de – uma guerra às drogas.

Por isso, respeitando os movimentos anteriores deste artigo, e utilizando-os para compor uma proposta pedagógica, segue adiante um plano fundamentado em duas aulas que trabalham o tema das drogas a partir desta perspectiva. Na primeira das quais abordaremos, dentro do tema mais amplo das drogas, a instituição do proibicionismo no Brasil, por ser um conceito central e paradigmático para o debate sobre as drogas a partir do século XX. São priorizadas problemáticas sociais e políticas da ação do Estado contra as drogas, e posteriormente suas consequências para o tecido social, com a guerra às drogas que marca o estágio moderno do proibicionismo, enquanto política de Estado.

Para compor essa primeira aula, serão utilizados o artigo *Os mortos e feridos na “guerra às drogas”: uma crítica ao paradigma proibicionistas* (Rybka; Nascimento, 2023) e o último capítulo da dissertação *A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República* (Torcato, 2016), que tratam respectivamente do proibicionismo propriamente dito, e do processo de proibição das drogas no Brasil. O intuito de trazê-los parte da importância de utilizar trabalhos acadêmicos na educação básica, mas ao mesmo tempo procurar instigar a reflexão a respeito de seu processo de construção e da compreensão que se tratam de recortes, que não esgotam o tema, apesar de trazerem contribuições importantes. Os textos não serão simplesmente utilizados como fontes de informação, mas será incentivada a investigação sobre a própria constituição desses saberes.

Para a segunda etapa, é proposta uma atividade, que leva a imprensa para a discussão, trata-se de refletir sobre como é encarada a questão das drogas em dois jornais de alta circulação em momentos históricos distintos, e pensar na imprensa em ambos os casos, não como uma reproduutora da realidade, mas em como as posições e manchetes, desempenham um papel ativo na construção política através de sua influência na formação de consensos.

As notícias em questão a serem trabalhadas são *Os prazeres Sinistros*<sup>25</sup>, e *Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da Favela do Moinho*<sup>26</sup> (Respectivamente os anexos A e B), publicadas respectivamente pela *Gazeta de Notícias* e pela

---

<sup>25</sup> Prazeres Sinistros. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1908. p.1

<sup>26</sup> Paulo Eduardo Dias. Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da Favela do Moinho. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 2 de setembro de 2025.

*Folha de S. Paulo*. Elas foram selecionadas por apresentarem uma estruturação da notícia similar, mas também compartilhar alguns pontos temáticos importantes, que podem contribuir para a discussão dupla pretendida neste projeto. Além disso, as terminologias empregadas em ambas são bastante distintas, bem como alguns dos pressupostos jornalísticos, que se tornam aparentes com um exame atento.

## 5 PLANO DE AULA

### 5.1 OBJETIVOS

O objetivo geral destas aulas é compreender a noção de criminalidade ligada às drogas, levando em consideração os aspectos, sociais, econômicos e políticos, bem como desenvolver uma leitura crítica a respeito das fontes de informação e da construção de uma notícia.

Objetivos específicos – Referentes a aula 1

- Compreender o paradigma proibicionista no Brasil
- Entrar em contato com diferentes narrativas históricas a respeito da proibição das drogas no Brasil
- Refletir sobre como um evento histórico pode ser interpretado de diferentes maneiras e abordagens, mesmo quando compartilham um tema geral

Objetivos específicos – Referentes a aula 2

- Observar duas notícias provenientes de diferentes tempos históricos a respeito da cocaína
- Refletir a respeito de sua produção e o contexto ao qual estão inseridas
- Compreender como toda notícia está atravessada por relações de poder e visões de mundo diferentes.

### 5.2 METODOLOGIA

## **Aula 1: A ascensão do proibicionismo no Brasil.**

10 minutos (Introdução): Introduzir o conceito de proibicionismo. Perguntar aos estudantes se já tiveram algum contato com o tema, e como se deu esse contato, caso ele tenha acontecido.

15 minutos (Exposição dialogada): Apresentação de duas perspectivas teórico-metodológica diferentes sobre esse mesmo evento, a saber: a ascensão do proibicionismo como tendência política no Brasil. Utilizando como base os textos apresentados na justificação desse projeto.

15 minutos (Reflexão e discussão): Proposição de uma discussão entre os estudantes a respeito dos textos trabalhados mediada pelas seguintes questões geradoras: Como essas narrativas trabalham o tema? Existe alguma interação possível entre elas? Elas se complementam ou são excludentes e por quê? Alguma delas abrange a totalidade da experiência histórica a respeito desse evento? Pensadas para incentivar a confrontação entre essas interpretações, de maneira a refletir de maneira como elas foram compostas e suas problematizações.

10 minutos (Encerramento): Endereçamento das conclusões e questões da discussão e apresentar algumas das consequências sociais e políticas do proibicionismo. Finalização com uma reflexão para aula posterior: como vocês acham que os meios de comunicação interagiram e interagem com essas políticas?

## **Aula 2: Análise de fontes históricas da imprensa a respeito de locais de consumo de cocaína.**

10 minutos (Introdução): Recapitular os temas centrais discutidos na aula anterior, o proibicionismo como projeto político. Fazer uma apresentação da imprensa como força política ativamente inserida na disputa por hegemonia e criação de consensos.

25 minutos (Atividade): Os estudantes, divididos em pequenos grupos deverão comparar duas notícias, provenientes de jornais e momentos históricos distintos, mas que tratam de temas similares, através de um roteiro de análise, preparado pelo professor que está especificado no tópico avaliação do projeto. A atividade propõe algumas reflexões que dizem respeito a construção da notícia e como é encarado o tema abordado.

10 minutos (Socialização das respostas e discussão): Nesse momento os grupos deverão apresentar diante dos demais como foram analisadas as fontes, bem como explicar quais reflexões foram desenvolvidas para chegar as conclusões apresentadas. Feita a socialização, os resultados serão discutidos.

5 minutos (Encerramento): Propor uma reflexão final a respeito do papel da imprensa enquanto uma peça política importante para a manutenção do paradigma proibicionista no Brasil.

### 5.3 AVALIAÇÃO

A avaliação desse projeto consiste na atividade desenvolvida durante a segunda aula (ou segunda etapa) deste projeto de ensino: um roteiro de análise no qual são comparadas duas notícias distintas a respeito da existência de locais públicos em que se vende e consome drogas. O roteiro é formado por perguntas que auxiliem os estudantes a compara-las e pensar questões que vão na direção de uma abordagem crítica. As respostas deverão ser debatidas por meio de pequenos grupos e depois socializadas com o restante da sala.

O roteiro de análises é composto por cinco perguntas:

- 1) Sobre o que tratam as notícias apresentadas?
- 2) Elas se relacionam de alguma maneira? No que elas se aproximam e no que diferem?
- 3) Como os autores apresentam as pessoas tratadas nas notícias? Existem semelhanças? Quais?
- 4) A construção das notícias conduz o leitor a alguma conclusão? Quais dos elementos do texto sugere isso? Justifique
- 5) Quais propósitos podem ter motivado a escrita destes textos?

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou esclarecer alguns dos percursos da transformação discursiva pela qual passou a cocaína no periódico *Gazeta de Notícias*, entre o final do período imperial e o início do período republicano. Em um período inicial tanto o vocabulário empregado, quanto a forma dos anúncios de cocaína indicavam que sua existência estava circunscrita ao mundo terapêutico. Em momento subsequente, o tratamento dado às drogas, e às pessoas que se utilizavam dela, pelo jornal passam a habitar o lugar dos problemas sociais, ligando a substância ao que seria considerado desviante ou degenerado.

A construção discursiva que pavimentou a possibilidade de compreensão da cocaína como algo tão negativo, no entanto, não seguiu uma linearidade. Mas se transformou continuamente, a partir da escrita de textos veiculados ao jornal. Esse processo se desenvolveu de modo complexo, na medida em que múltiplos sujeitos – entre anunciantes, jornalistas e contistas – participaram de sua elaboração não como uma unidade, nem de maneira homogênea, mas que, quando tomada em conjunto, aponta para uma tendência.

Apesar do *status* da cocaína no jornal por vezes ter se apresentado de forma contraditória durante o período, com notícias díspares coexistindo. Pontos notáveis de virada, e que marcam essa transformação, se deram a partir da escrita de notícias a respeito de suicídios realizados com cocaína e de textos sobre problemas de cocainomania que começam a se espalhar pelo jornal, a partir do início do século XX. De tal forma eles se ligaram à noção construída da cocaína, que passaram a se confundir, à medida que novas notícias nesse sentido sedimentam essa noção, criando uma verdade moral a respeito da droga.

Essa construção de consenso também foi trabalhada neste artigo, na forma de um plano de ensino, visto seu grande potencial pedagógico. Pois, sendo trabalhada de maneira responsável em sala de aula, essa discussão serve ao propósito duplo de fazer refletir sobre a política das drogas que o Brasil mantém, a despeito de evidências de que existem alternativas possíveis; e de desnaturalizar o papel da imprensa, que se quer fazer entender como isenta, como uma mera apresentadora de informações, frente às drogas. Reflexão que também serve para outras posições, e construções, políticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Betânia. A MÍSTICA DAS PLANTAS, BEBIDAS E ALIMENTOS NO BRASIL COLONIAL. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 1–22, 2014. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/603>. Acesso em: 4 maio. 2025.

ALMEIDA, Fabiana R. e MIRANDA, Sonia R. Conectando tempos: sobre sensibilidades e construção de conhecimento nas aulas de história. In: ABREU, Marcelo e CUNHA, Nara Rúbia (Orgs.). *Fazer e pensar a História na sala de aula: autoria, formação e produção do conhecimento histórico*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.

ANDRADE, T. de M. Reflexões sobre políticas de drogas no Brasil. Sci-Elo, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/JQXcRPcyZTrjtZ4NZ3D4THJ/>. Acesso dia: 19/06/2025.

BAHLS, F. BAHLS, Saint-Clair. Cocaína: origens, passado e presente. Sci-Elo, 2002. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/rbp/a/WpZNRHsqq8sMtmWNFSyCxDz/#:~:text=O%20abuso%20de%20coca%C3%ADna%20tem,do%20Peru%20e%20da%20Bol%C3%ADvia.> Acesso: 16/04/2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALVETE, Cássio da Silva; SOUZA, Taciana Santos de. História e Formação do Mercado das drogas. **Revista de Economia**, [S. l.], v. 41, n. 76, p. 401–429, 2020. DOI: 10.5380/re.v41i76.69094. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/69094>. Acesso em: 22/04/2025.

CHASIN, A. M.; LIMA, I. V. Alguns aspectos históricos do uso da coca e da cocaína. **Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade**, v. 1, n. 1, 1 out. 2008.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 35, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 1 set. 2025.

DUARTE, J. das Flores. O novo açúcar: a rota da cocaína na perspectiva de gênero. Sci-Elo, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/ysLxdk7sdGDZwrQzJtmJrTm>. Acesso em: 17/04/2025.

FERNANDES, Maria Lucia Outeiro. As sutilezas da verossimilhança e as variações da realidade. **Revista de Estudos Literários**, Coimbra, v.8, p.437-462, nov de 2018.

FOIRE, M. O lugar do Estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas. Novos Estudos CEBRAP, 92, 9-21. (2012).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Edição 79. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2024.

MACRAE, E. Aspectos socioculturais do uso de drogas e política de redução de danos. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos, 2010. Disponível em: <http://www.neip.info/downloads/edward2.pdf>. Acesso dia: 19/06/2025.

RYBKA, Larissa Nadine; NASCIMENTO, Juliana Luporini do; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Os mortos e feridos na “guerra às drogas”: uma crítica ao paradigma proibicionista. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S. l.], v. 35, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7442>. Acesso em: 17/06/2025.

SILVA, M. Lourdes da. Drogas - da medicina à repressão policial: a cidade do Rio de Janeiro entre 1921 e 1945. Tese. (PPG - História/UERJ), 2009.

SILVA, Maria de Lourdes da; COELHO, Francisco. A educação sobre drogas no Brasil diante do novo ordenamento legal. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 28, p. e42176, 2022. DOI: 10.26512/lc28202242176. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/42176>. Acesso em: 31 ago. 2025.

SHIZUNO, E. SOUZA, A. A Paradoxal Ilusão dos Venenos: cocaína, ópio e o papel da revista Vida Policial na construção da imagem criminal no Brasil da Primeira República. **Direito & Democracia: revista de divulgação científica e cultural do Isulpar**, Paraná, v.9; nº2; 2024.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. A história das drogas e sua proibição no Brasil: da Colônia à República. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.

TORCATO, C. E. M. O uso de drogas e a instauração do proibicionismo no Brasil [The psychoactive use and the early prohibitionism in Brazil]. **Saúde & Transformação Social / Health & Social Change**, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 117–125, 2013. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/2241>. Acesso em: 01/05/2025.

TRAD, S. Controle do uso de drogas e prevenção no Brasil: revisitando sua trajetória para entender os desafios atuais. In: NERY FILHO, A., et al. orgs. Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas. Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 97-112.

## FONTES

Cocaina. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1885. Annuncios, p.4

Pastilhas de Chloridrato de Potassio e Cocaina de V. Verneck. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1890. Annuncios, p.4

Drogaria do Povo. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1890. Annuncios, p.7

100%. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1892. Publicações a pedido, p.3

Dores de dentes e ouvidos. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 18 de março de 1894. Annuncios, p.4

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1894. Publicações a pedido, p.2

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1895. p.7

**Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1898. p.1

Dores de dente. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1898. Publicações a pedido, p.3

Acto de desespero. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1901. p.3

Tentativa de suicídio. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 10 de julho de 1903. p.3

O Dentarium. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1903. Annuncios, p.5

Rio, João do. A sensação do passado. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1905. p.2

RIVERA, Ignácio. Lagrima de Santa. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 03 de março de 1908. p.1

Prazeres Sinistros. **Gazeta de Notícias**. Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1908. p.1

Paulo Eduardo Dias. Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da Favela do Moinho. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 27 de agosto de 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/08/cracolandia-chega-ao-entorno-da-avenida-pacaembu-e-da-favela-do-moinho.shtml>. Acesso em: 01/09/2025.

## ANEXOS

### ANEXO A – Notícia “Os prazeres sinistros”

# Os prazeres sinistros

Um aspecto trágico do mundo onde a gente se diverte — Morphinomanos-etheromanos — As scenas — A nossa «enquête» — Vendem-se muito os toxicos — O horror da morte

E' um facto que a civilisação além de aumentar o numero de crimes, aumenta o numero de degenerados, de doentes, de viciados. Um dos vicios mais procurados e mais banais é o da embriaguez. Mas há um grande numero de doentes, que procuram o esquecimento, o prazer prohibido, a ausência da dor, numa serie de toxicos, anesthesicos nervinicos ou excitantes formidaveis. Esses doentes encontra a gente todos os dias, falla-thes.

São os etheromanos, os morphinomanos, os opiummanos. A principio talvez façam isso por chic: picar uma agulha de Pravaz com morphina no braço, cheirar ether, ou fumar opio, envenenar-se lentamente com cocaína, não pode deixar de ser muito elegante. Chega a ser litterario. Vejam Maupassant com o ether; Thomaz de Queney com o opio, e o Sherlock de Conan Doyle variava entre a morphina e a cocaína...

Em todas as cidades, apesar dos cuidados que a polícia tem, vendem-se esses toxicos. Não é possível deixar de vender. Os morphinomanos, os etheromanos têm prodígios de intelligencia para se apossarem do veneno amado. E quem abusa desse horror? As classes baixas? Não! Das classes baixas só há tres ou quatro possilgas nos becos que dão para a rua Clapp em que alguns chinezes fumam opio. As classes pobres embriagam-se com alcool — que alias lhes faz tanto mal como a morphina ou a cocaína aos outros.

Recebendo de vez emquando informações de que o abuso dos mesmos toxicos se fazia em alta escala, principalmente nas casas de tolerância da alta, a "Gazeta" procurou observar "de visu". E realmente. E pernicioso.

#### Nas casas de tolerância

A nossa visita começou por essas casas que hospedam cantoras de music-hall e andorinhas do amor de cotação elevada. Essas casas denominam-se pensões de artistas. Há uma infinitade: no Cattete, no Flamengo, na rua Senador Dantas. Os lucros são grandes, porque algumas dessas cantoras ou dessas andorinhas viram em patrões e têm dinheiro no banco.

Na casa de uma cantora, conversamos.

— Então não há por aqui ninguém para um pouco de morphina?

— Ah! você é como X...?

— Como X...

Era um nome conhecido.

— Sim. Ele gosta muito das raparigas que têm essa mania.

— E há muitos?

— Há alguns. Elas são mais abundantes. Esta gente vem toda meio apaixonada das outras bandas. E há algumas terríveis. A Almí quando lhe faltava a morphina sahia como uma louca para a rua. E pelo menos duas vezes por semana nós tinhamos que chamar o médico. De umas, ella estava para ali estirada que mettia medo, de outras, presa de alucinações, queria atrarre-se da janella, alarmava a vizinhança.

— E o médico?

— Os médicos vem, zangam-se, pintam o fim com cores trágicas, ameaçam. Mas em vão.

— E a morphina?

— Ela sempre arranjada...

— Há muitas assim?

— Há uma porção. Quasi todas elas ou cíclaram ether ou tomam morphina. Cocaína é mais raro. Na casa da A. no Cattete havia uma tremenda, a Maria... E o interessante é que os rapazes as vezes vêm para essas pandegas que acabam em vomitos, com corridas para os médicos.

— E você?

— Eu não tomo isso. Fica-se com a pelle estragada, sem fome, e com um ar de quem não está nem dormindo, nem accordado. Há algumas que usam até no lenço e estão passando de instante a instante nos labios...

Fomos dali a casa de A... A conversa foi conduzida habilmente, com um pouco de lamentações a propósito do fechamento dos clubs de jogo e algumas taças de champagne.

Decididamente o Dr. Alfredo Pinto tornava esta cidade um deserto com o fechamento das batotas! E, conversa puxa conversa, cada um delas foi contando. Em geral são os "amant du coeur" que levam a morphina ou o ether.

O ether é de fácil aquisição. Há evidentemente sujeitos pouco serios que obtem não se sabe como verdadeiras partidas de vidros de morphina e litros de ether, para vender barato a essas damas. Quando ihes

falta esse veneno, as pensionistas, quasi todas, não estão contentes. E há casos como de uma hespanhola, alíus intelligentissima, que teve a etheromania a ponto de tomar o champagne avivado de ether e de molhar os cabellos, os negros cabellos num verdadeiro banho de ether para dictar-se com um longo címpado de ether. As companheiras denominaram os seus aposentos de— Quarto das operações...

Depois de percorrer varias casas de tal ordem, tiramos a media de 30 % das pensionistas que se entregam a todas essas approximadoras da morte. E não é só a morphina, é o que encontram dos seus derivados recentes. Uma das mais loiras francesas da estação passada gostava de "heroína". As narrativas não são só dessas damas, por profissão mentirosas — não de medicos obrigados a altas horas da noite a levantarem-se para salvar essas infelizes, com injeções, sudoríficos, bombas estomachaes, e todo o trabalho que taes casos dão.

#### As Informações de um ex-morphinomano

Sabendo dessas casas em que havíamos subido de factos de tal forma graves, nós procurámos saber se havia muita gente com o que fazer, homens morphinomanos, etheromanos. Os homens escondem os vícios muito mais que as mulheres. E' difícil apanhar qualquer cousa. Indicaram-nos uma casa de Villa Isabel, onde se ia para tomar morphina. Era mentira. Cada um delles faz isto só.

Um ex-morphinomano, empregado publico de cathegoria, que conseguiu tomar doses julgadas mortaes por todos os toxicologistas, do que lhe resultou viver hoje corroido de atrozes dores de estomago, com o apparelho digestivo inteiramente estragado, contou-nos:

—Eu comecei por litteratura. Era bonito. Depois, não larguei mais. Era curioso. Acabei não sahindo de casa senão para comprar morphina. Estava constantemente num estudo como que somnambulico. Uma vez, à noite, fui procurar a caixinha e não a encontrei. Acordei todos indignado. Um creado quebrara tudo. Como um louco — e eu o era — sahi pela rua a bater nas farmacias para pedir um pouco de morphina, um vidinho de chlorhydrato de morphina, pelo amor de Deus. E' claro que me responderam mal. Vim assim até a cidade, a drogaria amiga, e tal era o meu estado, que allí mesmo para aliviar tomei uma injeção de duas grammas... Era horrivel e era debooso.

—Mas ha muitos casos iguaes aos seus.

—Sporadicos. Eu sei apenas que é facil obter o toxico quando se tem amigos. E tanta gente que você conhece tem esses vicios...

E sorriu, ou antes, fez uma careta — porque tinha nevralgias de estomago, cruéis.

#### Com um alienista do Hospicio

Estas informações levaram-nos ao Hospicio Nacional a indagar, se já lá havia muitos doentes. O medico, a quem nos dirigimos, disse-nos:

—Estes casos estão classificados nas psychoses toxicas. Abi — a grande maioria — pertence ao alcoolismo. Dos casos a que se refere, temos um de cocaína. Mas é preciso considerar que os doentes dessa especie, em geral, não vêm para o Hospicio, tendo condições de dinheiro, para ter o tratamento fóra. Ha, talvez, muitos casos, mas fóra, por esse mundo...

—Que é um grande hospicio...

### O artigo 159

O artigo do Código Criminal, que proíbe a venda dos tóxicos, é o seguinte:

"Expor à venda ou ministrar substâncias venenosas, sem legítima autorização e sem as formalidades prescritas nos regulamentos ministeriais: Pena: de multa de 200\$ a 500\$000".

Após a nossa reportagem, nós vimos que se desenvolve uma funesta paixão, a desses vicios do paraíso artificial que corrói o mundo equívoco e os que o frequentam. Pelos frequentadores, principalmente. As penas do Código são insignificantes e o artigo letra quasi morta, porque toda essa gente, como os chinheiros, têm abertamente, muito material para envenenar-se. Só a ação da polícia. Mas é uma questão de direito, muito delicada, em que não se sabe se a polícia têm o direito de intervir, quando, por exemplo, quiser prender, duas damas e dois cavaleiros, que conscientemente se fecham num quarto, para tomar morfina, ou cocaína, ou ether.

E é esta uma das visões trágicas do mundo onde a gente se diverte

## ANEXO B – Notícia “Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da favela do Moinho”

CRACOLÂNDIA

# Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da favela do Moinho

Gestão Ricardo Nunes confirma existência das concentrações; prefeitura paulistana e governo dizem monitorar locais e oferecer assistência a usuários

[DE UM CONTEÚDO](#) [Compartilhar](#) [Imprimir](#) [12](#)



Mulher fuma crack ao lado de um cão deitado na avenida Pacaembu, em Santa Cecília, centro de São Paulo - Rafaella Araújo/Folhapress

---

Paulo Eduardo Dias  
Rafaella Araújo

**SÃO PAULO** A avenida General Olímpio da Silveira, entre a rua Conselheiro Brotero e a avenida Pacaembu, e a entrada da favela do Moinho, em Campos Elíseos, se tornaram os novos pontos de venda e consumo de crack na região central de São Paulo. A cena acontece quatro meses depois da dispersão dos sem-teto da rua dos Protestantes.

Nas concentrações é possível encontrar a venda de cachaça, cachimbos, roupas e outros utensílios expostos sob caixotes de madeira ou estendidos pelo chão, situação chamada de shopping cracolândia pelos dependentes químicos.

No primeiro ponto o crack é comercializado na escadaria que liga as avenidas General Olímpio da Silveira e Pacaembu. Sem pudor, a droga é vendida a usuários ou para quem passa por ali, numa espécie de drive-thru.

■■■ 1/13 Cracolândia chega ao entorno da avenida Pacaembu e da favela do Moinho



A avenida General Olímpio da Silveira, entre a rua Conselheiro Brotero e a avenida Pacaembu, se tornou um dos dois novos pontos de venda e c... [MAIS](#)

A reportagem acompanhou o comércio por mais de uma hora, das 13h às 14h de quinta-feira (21). Naquele horário, pedestres passavam em meio aos pequenos traficantes, ao lado de um supermercado. Na segunda-feira (25), a escada estava limpa e molhada, sem traficantes ou dependentes químicos.

A presença de 50 usuários entre as ruas Conselheiro Brotero e Tupi já arranca queixas de comerciantes e moradores. Eles relatam barulho, sujeira, brigas e fumaça que emana do fogo aceso para derreter fios que envolvem cobre. A situação faz parte da [dinâmica por onde a cracolândia passa](#).

Em nota, a gestão [Ricardo Nunes \(MDB\)](#) confirma a existência das duas aglomerações. A prefeitura declara ter intensificado a oferta de tratamento e acolhimento pelas equipes de saúde e assistência social nas regiões citadas, além das ações de zeladoria e segurança, combatendo o tráfico de [drogas](#) e outros crimes.



A Folha, no entanto, não encontrou assistentes sociais ou agentes de saúde durante a apuração.

"Equipes de assistência social percorrem diariamente pontos de ocupação momentânea em toda a cidade para busca ativa de pessoas em situação de rua e vulnerabilidade", acrescentou a nota.

De acordo com a prefeitura, entre junho e agosto deste ano, profissionais do Serviço Especializado de Abordagem Social Bom Retiro, Santa Cecília e Sé realizaram mais de 15 mil abordagens nesses territórios, que resultaram em mais de 11 mil encaminhamentos para acolhimento na rede socioassistencial e de saúde.

Segundo os moradores, o grupo chegou ali há cerca de duas semanas. Onde antes havia um ou outro dependente já existe um acampamento, no canteiro central junto a ciclovia que liga o centro à zona oeste.

A manicure Maria Silvana, 58, disse que esta é a pior situação dos 20 anos em que mora entre a Conselheiro Brotero e a Tupy. "Barulho a noite toda. Caixa de som. Sujeira." Para ela, a limpeza feita pela prefeitura para remoção de detritos acumulados pelos moradores de rua e o jato de água lançado por um caminhão-pipa é enxugar gelo. Minutos depois as equipes virarem as costas, tudo volta como antes, como a reportagem também presenciou.

"Não acho justo. Não conhecia o crack. Conheci agora", acrescentou. Para ela é necessário manter uma base policial 24 horas ali.



Movimentação de usuários de drogas na ciclovia da avenida General Olímpio da Silveira, entre as ruas Conselheiro Brotero e Tupy, em Santa Cecília - Rafaela Araújo/Folhapress

Funcionárias de um restaurante afirmaram que o jantar minguou nos últimos dias com a redução da clientela que, segundo elas, estaria com medo de agressões e roubos. Casos de furtos de mercadorias em comércios locais passaram a ser relatados na região, de acordo com quem vive ali.

A reportagem passou a tarde de segunda no endereço para conhecer a movimentação da cracolândia em formação. Por volta das 14h30, aproximadamente 20 homens e mulheres estavam ali. De repente um exército de agentes com coletes laranja a bordo de vans chegou. Caminhões, viaturas da GCM (Guarda Civil Metropolitana) e um carro-pipa também faziam parte da tropa. O chamado "rapa" removeu alguns bagulhos e se retirou.

O trajeto seguiu até o limite da Subprefeitura Sé, nas imediações da rua das Perdizes. Alheio à limpeza, um outro grupo com dez pessoas fumava crack na ligação da avenida Pacaembu em frente ao prédio da Receita Federal.

Por volta das 16h, a concentração na altura da Conselheiro Brotero já tinha 50 pessoas. Além do barulho dos ônibus e carros, a aglomeração tem voz própria. A chegada da droga é feita aos gritos, embalados por um caixa de som portátil presa ao pescoço de um usuário.



Uma das concentrações de dependentes químicos está na avenida Rio Branco, na lateral da favela do Moinho, em Campos Elíseos, no centro de São Paulo - Rafaela Araújo/Folhapress

Diferentemente de outros locais que já abrigaram a cracolândia, não havia a presença de agentes de saúde, assistentes sociais nem da GCM de forma permanente ou rotativa. O uso de crack pode ser acompanhado por quem passa a pé ou através das janelas de carros e ônibus.

Nesta terça-feira (26) a Prefeitura de São Paulo encaminhou fotos de assistentes sociais em atendimento no local. Outra imagem registrava uma viatura da Polícia Militar estacionada.

A pouco mais de um quilômetro dali uma nova concentração de dependentes químicos se forma na lateral da entrada da favela do Moinho. Mais discreta, cerca de 20 pessoas estavam presentes na tarde de segunda.

Em barraquinhas era possível encontrar a venda de pinga e de cachimbos. Os usuários de drogas consumiam crack na esquina da alameda Eduardo Prado e da avenida Rio Branco. Outro grupo também fumava a droga nos dois lados da passagem de pedestres do viaduto Engenheiro Orlando Murgel, que passa sobre a favela.

A chegada dos usuários no entorno do Moinho coincide com a tentativa de remoção da favela pela gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos). Governo federal e estadual buscam soluções de habitação para que os moradores deixem o local, que já foi motivo de embate entre os governos após ações policiais no espaço.

Além dos dois pontos em destaque, outros endereços mais antigos seguem com o consumo de droga: nos baixos da praça Roosevelt, em meio ao trânsito de veículos, com maior presença à noite, quando o elevado Presidente João Goulart é fechado para automóveis, e aos finais de semana. E no cruzamento da rua Helvétia com a alameda Barão de Piracicaba, ponto em que policiais militares têm ordem para dispersar as aglomerações assim que notadas, num trabalho de vai e volta.

Em nota, a gestão Tarcísio afirma que atua em parceria com a prefeitura para combater o tráfico de drogas e oferecer assistência aos dependentes químicos.

"Forças de segurança estaduais e municipais atuam de forma conjunta na vigilância do território no combate ao tráfico de drogas, bem como de atividades ilícitas, monitorando possíveis pontos de aglomeração e tentativas do crime organizado se fixar em vias públicas para comércio ilegal de drogas na capital".

★ ★ ★